

A Resistência que a História Esqueceu: Uma Análise de "Uma Bicha Atrevida Pede a Palavra"

The Resistance That History Forgot: An Analysis of "A Daring Queer Requests the Floor".

La Resistencia que la Historia Olvidó: Un Análisis de "Un Marica Atrevido Pide la Palabra"

Paulo Afonso Tavares¹

A obra de Rogério Reis dos Santos, mestre em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília (UnB), é uma contribuição necessária à historiografia sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Com um título provocador, extraído de uma manifestação histórica, o livro tem como foco “a resistência cultural e política de homossexuais à ditadura civil-militar brasileira a partir das narrativas contidas no jornal *Lampião da Esquina*”.

A pesquisa parte do entendimento de que os homossexuais foram alvo de uma repressão específica e dupla, sofriam hostilidade tanto da “direita conservadora” quanto da “esquerda revolucionária”. Essa posição os colocou em um vácuo de representação e os obrigou a construir um caminho próprio de luta e afirmação.

A relevância do estudo é evidente, especialmente por aprofundar investigações iniciadas pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), que apontou a necessidade de um capítulo específico sobre as violações de direitos humanos contra lésbicas, gays, travestis e transexuais durante o regime. Santos não se limita a registrar a violência, questiona a narrativa tradicional dos anos de chumbo, que frequentemente se resume ao binarismo “regime militar de um lado e esquerda revolucionária do outro”. Ao trazer para o centro um sujeito político historicamente silenciado, o autor amplia a compreensão sobre quem resistiu e, principalmente, como se resistiu à ditadura, mostrando que a luta por direitos humanos também se deu além das pautas da luta de classes.

Assim, a obra se afirma como um marco historiográfico por resgatar, a partir do *Lampião da Esquina* como fonte primária, uma narrativa de resistência complexa e

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Desenvolvimento e Planejamento Territorial e em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Mestrando em Direito Constitucional Econômico no Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA). Graduado em Jornalismo pela PUC Goiás e em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG). E-mail: jor.pauloafonso@gmail.com.

multifacetada, rompendo com o silêncio imposto tanto pela direita quanto pela esquerda ortodoxa. O mérito principal do livro não está apenas em documentar a dupla opressão, mas em redefinir o próprio conceito de resistência, deslocando-o da militância partidária para práticas culturais, cotidianas e corporais que forjaram uma identidade política singular e potente.

Esta análise seguirá três eixos. Primeiro, a tese da dupla frente de opressão que isolou politicamente os homossexuais. Depois, as formas de resistência por meio da cultura e do cotidiano, usadas como principais instrumentos de luta. Por fim, a centralidade metodológica do *Lampião da Esquina* na construção de uma narrativa que busca dialogar de maneira horizontal com as vozes do passado, em vez de apenas descrevê-las.

A análise de Rogério Reis dos Santos apoia-se em um argumento central que atravessa toda a obra, a resistência homossexual durante o período ditatorial não pode ser entendida dentro da lógica simplista que opõe um regime opressor a uma esquerda libertária (SANTOS, 2025, p. 15). Ao contrário, o autor demonstra, com rigor documental, que os homossexuais viviam em um vácuo político, pressionados por duas frentes que, embora ideologicamente opostas, convergiam na repressão à sexualidade dissidente (SANTOS, 2025, p. 14). Essa condição de duplo desamparo, segundo SANTOS (2025, p. 14), levou ao surgimento de uma forma singular de resistência, que não se alinhava a nenhum dos polos e se estruturava a partir das próprias experiências e linguagens desse grupo.

De um lado, havia a repressão institucionalizada da ditadura civil-militar, que se manifestava de forma ostensiva. O regime, erguido sob o pretexto de salvar o país da "ameaça comunista" (SANTOS, 2025, p. 15), buscava impor o modelo do "cidadão de bem", sustentado por uma moralidade cristã conservadora (SANTOS, 2025, p. 58). Nesse projeto de sociedade homogênea, as homossexualidades eram tratadas como uma "afronta à moral e bons costumes" (SANTOS, 2025, p. 16) e, por isso, deveriam ser eliminadas do espaço público. Santos mostra que essa perseguição não se limitava ao campo simbólico: ações repressivas, eufemisticamente chamadas de "operação de limpeza", eram recorrentes nos guetos e locais de sociabilidade homossexual (SANTOS, 2025, p. 59). Mesmo sem uma lei que criminalizasse diretamente a homossexualidade, o Estado recorria a subterfúgios legais, como a contravenção penal de "vadiagem" (SANTOS, 2025, p. 60), para justificar prisões arbitrárias e violentas, sobretudo contra travestis e garotos de programa.

Por outro lado, a originalidade da análise de Santos está em desconstruir o mito de que a esquerda revolucionária seria um porto seguro para todos os oprimidos. O autor evidencia que, no que dizia respeito aos homossexuais, a esquerda organizada era, na melhor das hipóteses, "apática à causa, considerando-a menor face aos problemas da classe operária"

(SANTOS, 2025, p. 60) e, na pior, francamente hostil. A pesquisa identifica a formação de um "ethos de masculinidade revolucionária", no qual o militante ideal era "forte, másculo e viril", perfil no qual homossexuais, por subverterem os papéis de gênero, "não se enquadravam" (SANTOS, 2025, p. 16). Com frequência, a homossexualidade era vista como um "desvio pequeno burguês" ou uma "doença" a ser curada, sendo classificada como uma pauta secundária, "coisa de quem não tinha o que fazer" (TREVISAN, 2007 *apud* SANTOS, 2025, p. 16).

Essa hostilidade também se manifestava na prática. Santos recupera narrativas contundentes, como a de militantes homossexuais que, mesmo presos e torturados pela ditadura, foram condenados à morte por seus próprios "companheiros" de luta armada, por considerarem que sua sexualidade comprometia a "credibilidade do movimento" (SANTOS, 2025, p. 62). Ao revelar essa dupla frente de opressão, o autor demonstra que os homossexuais não eram apenas perseguidos pelo regime, mas também silenciados e marginalizados por aqueles que poderiam ser seus aliados. Nesse cenário de isolamento político absoluto, "sem representação à direita ou à esquerda" (SANTOS, 2025, p. 16), a criação de uma voz própria e de uma forma de luta autônoma "se tornou não apenas uma opção, mas uma condição para a sobrevivência" (SANTOS, 2025, p. 17).

Diante do cenário de dupla exclusão, a obra de Rogério Reis dos Santos argumenta que a resistência homossexual se construiu em um campo distinto da política partidária tradicional, a cultura. Se as portas dos partidos e sindicatos estavam fechadas, a arte e as práticas cotidianas tornaram-se o palco de uma luta que era, ao mesmo tempo, afirmação de identidade e contestação da ordem vigente. Santos demonstra que, para esse grupo, a revolução não estava apenas nas pautas econômicas, mas também na liberdade dos corpos e na legitimidade dos afetos, transformando a própria existência em um ato político (SANTOS, 2025, p. 17, 84).

O autor mapeia, com sensibilidade, como diversas manifestações artísticas serviram de ferramenta para essa resistência. A obra de Darcy Penteado, por exemplo, é apresentada como um marco inaugural da "arte erótico-homossexual no Brasil" (SANTOS, 2025, p. 70). Penteado não apenas desafiava a censura e o conservadorismo com suas gravuras, mas também defendia uma postura de enfrentamento, como resume sua citação recuperada por Santos: "A História se faz pela ação dos contestadores, não dos anuentes" (Lampião da Esquina *apud* SANTOS, 2025, p. 72). Da mesma forma, a cantora Leci Brandão transformou a música em um veículo para narrar as vivências da comunidade, dando voz àqueles obrigados a viver seus "amores escondidos", como retratado na letra de *Ombro Amigo* (SANTOS, 2025, p. 72-73). O teatro também se revelou um espaço de subversão, com destaque para o grupo pernambucano

Vivencial Diversiones, que, a partir do "lixo", criava uma estética própria e um "verdadeiro discurso sexo-político", desafiando a censura e as convenções (SANTOS, 2025, p. 76-77).

Contudo, a análise de Santos vai além da produção artística e revela como a resistência se inscrevia nos corpos e nos gestos mais simples. O livro resgata narrativas impactantes que mostram como a sobrevivência exigia táticas extremas de enfrentamento. Um dos exemplos mais contundentes é o relato da travesti Paulete, que explicava por que ela e suas colegas se cortavam com navalhas durante as batidas policiais: "É o único jeito de não ir presa [...] Os homens tem de levar a gente pro hospital, senão morre de sangrar. E no hospital a gente não apanha; até tratam bem (sic)" (Lampião da Esquina *apud* SANTOS, 2025, p. 89). A obra eleva essa tática desesperada de sobrevivência à categoria de resistência, um ato corporal que subvertia a lógica da repressão. De forma semelhante, a luta de Verushka, outra travesti, para usar o elevador social de seu prédio com roupas femininas é apresentada não como um caso isolado, mas como uma batalha pelo direito de existir no espaço público (SANTOS, 2025, p. 102).

Ao dar centralidade a esses episódios, Santos argumenta que "pequenos gestos" se tornam "pequenas revoluções" (SANTOS, 2025, p. 30). A obra amplia o conceito de resistência, mostrando que ela não se limitava a panfletos e reuniões clandestinas, mas também se manifestava na recusa em se esconder, na ressignificação de termos pejorativos, na criação artística e na teimosa ocupação de espaços (SANTOS, 2025, p. 91). É nessa perspectiva que o autor demonstra a complexidade e a capilaridade da luta homossexual, uma luta travada não apenas por um futuro utópico, mas pela dignidade no presente.

A força da pesquisa de Rogério Reis dos Santos está em sua escolha metodológica de não apenas utilizar o jornal *Lampião da Esquina* como fonte primária, mas de elevá-lo à condição de sujeito histórico e fio condutor de toda a narrativa. A obra não fala simplesmente sobre o jornal, fala através dele, adotando sua linguagem e perspectiva para reconstruir a resistência homossexual (SANTOS, 2025, p. 19, 22). Santos deixa claro que o periódico era um projeto político deliberado, um veículo "de, por e para homossexuais" (SANTOS, 2025, p. 17) que nasceu da necessidade de criar uma voz própria em um cenário de silenciamento. Ao fazer do *Lampião* o seu guia, o autor busca realizar uma análise que dialoga com os sujeitos do passado em seus próprios termos.

O livro detalha as múltiplas funções que o tabloide desempenhou. Primeiramente, atuou como catalisador na formação de uma comunidade nacional, antes fragmentada em "turmas" e guetos locais. Por meio da coluna "Cartas na Mesa", o jornal teceu uma rede de sociabilidade e solidariedade, conectando homossexuais de todas as partes do Brasil e mostrando que eles não

estavam sozinhos (SANTOS, 2025, p. 17, 82). Em segundo lugar, consolidou-se como uma potente ferramenta de denúncia. Contudo, como observa Santos, essas denúncias eram feitas com o "jeito Lampiônico": um uso estratégico do "deboche, ironia e acidez" como arma política para expor a hipocrisia e a violência do regime e da sociedade (SANTOS, 2025, p. 88). A charge que retrata militares sendo questionados se são "enrustidas" em um baile de "enxutos" é um exemplo perfeito dessa tática de subversão pelo humor (SANTOS, 2025, p. 88).

A obra também evidencia o papel central do periódico na organização do ativismo político. Foi a partir das discussões em suas páginas e da articulação de seu corpo editorial que eventos importantes, como o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (I EBHO), foram concebidos, sinalizando a transição de uma resistência difusa para um movimento com pautas e estratégias mais definidas (SANTOS, 2025, p. 93-94). A própria estrutura do livro de Santos presta homenagem a essa centralidade ao utilizar as manchetes do jornal como títulos de seus capítulos, uma decisão metodológica que reforça a intenção de construir sua narrativa a partir da "autonomia do próprio olhar" dos sujeitos históricos (SANTOS, 2025, p. 19, 25). Essa abordagem se alinha às "metodologias horizontais" que o autor se propõe a seguir, buscando um intercâmbio recíproco com suas fontes em vez de uma análise distanciada e hierárquica (SANTOS, 2025, p. 24).

A centralidade do *Lampião da Esquina* na pesquisa é, portanto, seu maior trunfo. Ao mergulhar profundamente em suas páginas, Santos resgata não apenas os fatos, mas também o sentimento, a linguagem, a estética e as contradições de um movimento em plena formação. A escolha de focar em uma fonte tão rica e representativa permite que a análise fuja das generalizações e apresente um retrato vívido e complexo daquele período. Fica, no entanto, o questionamento sobre se essa dependência quase exclusiva de uma única publicação não limita a compreensão de outras formas de resistência que, eventualmente, não foram registradas nas páginas do jornal. Embora Santos recorra a outras fontes para contextualizar, a narrativa é inegavelmente "lampiônica", o que representa ao mesmo tempo sua força e sua fronteira.

Para além da robusta análise das fontes, um dos pontos fortes da obra de Rogério Reis dos Santos é o seu notável rigor metodológico e conceitual. O autor demonstra consciência historiográfica ao justificar suas escolhas terminológicas, prática que eleva a qualidade da pesquisa e revela respeito pelos sujeitos históricos. A decisão de utilizar o termo "homossexuais", no plural, em vez da sigla contemporânea LGBTQIAP+, é um exemplo claro desse cuidado. Santos argumenta que recorrer à classificação atual seria cometer um "anacronismo", pois no período estudado "não havia uma nítida distinção entre as orientações sexuais e as identidades de gênero" (SANTOS, 2025, p. 20). Essa escolha metodológica não é

um mero detalhe, mas um posicionamento que reconhece a historicidade dos conceitos e busca compreender o passado em seus próprios termos.

Na mesma linha, o autor justifica o uso de expressões como "bicha", "viado" e "viadagem", termos que poderiam ser vistos como inadequados em um texto acadêmico formal. Santos defende que seria incoerente falar da resistência cultural homossexual sem "respeitar, a linguagem por estes utilizada, como importante meio de se nominar, de significar o mundo a sua volta" (SANTOS, 2025, p. 20). Ao incorporar essa linguagem, o autor não apenas confere autenticidade à narrativa, mas também reconhece que a ressignificação de termos pejorativos era, em si, uma potente forma de resistência e afirmação de identidade. Essa sensibilidade etnográfica aproxima o leitor do universo simbólico dos sujeitos retratados.

Além disso, a pesquisa não se limita à descrição dos fatos, mas os interpreta à luz de um sólido referencial teórico. Santos dialoga de forma consistente com pensadores clássicos para embasar suas análises. A concepção de ditadura e a distinção entre política e dominação são aprofundadas com base em Hannah Arendt (SANTOS, 2025, p. 46-47). A ideia de cultura como espaço de negociação e conflito, onde se forjam novas identidades, é iluminada pelo conceito de "entre-lugares" de Homi Bhabha (SANTOS, 2025, p. 63). A definição de resistência, central para a tese do livro, é fortalecida pelas reflexões de Marilena Chauí, que a entende como a luta "para ser considerado um sujeito, isto é, alguém dotado de direitos" (CHAUÍ, 1989 *apud* SANTOS, 2025, p. 74). Esse arcabouço teórico confere densidade à análise e demonstra maturidade intelectual, articulando as narrativas do *Lampião da Esquina* com debates acadêmicos consolidados e ampliando o alcance e a credibilidade das conclusões.

Ao final desta análise, torna-se evidente que a obra *Uma Bicha Atrevida Pede a Palavra* vai além da simples catalogação de eventos históricos, oferecendo uma interpretação densa e original de um período complexo. A resenha buscou demonstrar como a pesquisa de Rogério Reis dos Santos se apoia em três pilares fundamentais, a tese da dupla frente de opressão, que posiciona os homossexuais em um vácuo de representação política; a redefinição do conceito de resistência, que passa a incluir a cultura, o corpo e o cotidiano como campos de luta; e, por fim, a escolha metodológica de centrar a narrativa nas vozes do jornal *Lampião da Esquina*, tratando-o não como mero objeto, mas como sujeito da história.

A grande contribuição do livro não se limita a preencher uma lacuna nos estudos sobre a ditadura. Ao iluminar uma história de lutas que não se enquadrava nos modelos tradicionais, Santos oferece um estudo valioso sobre a própria natureza dos direitos humanos, entendidos aqui como um processo contínuo e conflituoso de afirmação da dignidade (SANTOS, 2025, p. 55). A obra é um lembrete de que a história oficial é frequentemente a "história dos vencedores"

e de que é tarefa do pesquisador crítico resgatar as narrativas daqueles que foram marginalizados e "esquecidos pela história" (SANTOS, 2025, p. 23). Ao fazê-lo, o autor não apenas revisita o passado, mas oferece um "ponto de partida para muitas reflexões que ainda estão por vir" (SANTOS, 2025, p. 109), conectando as lutas daquele período aos desafios ainda enfrentados pela comunidade LGBTQIAP+ no presente.

Em síntese, Rogério Reis dos Santos entrega um trabalho de pesquisa indispensável e politicamente potente. *Uma Bicha Atrevida Pede a Palavra* cumpre com brilhantismo seu objetivo, demonstrando que, mesmo acuada por um regime autoritário e ignorada por seus potenciais aliados, a comunidade homossexual brasileira não foi vítima passiva. Pelo contrário, construiu na cultura, no deboche e na afirmação da própria identidade uma forma de resistência singular e inspiradora. Trata-se, portanto, de leitura obrigatória não apenas para estudiosos da ditadura, mas para todos que se interessam pela complexa e contínua construção dos direitos humanos no Brasil.

Referência

SANTOS, Rogério Reis dos. **"Uma Bicha Atrevida Pede a Palavra"**: O Lampion da Esquina e a Resistência de Homossexuais Durante a Ditadura Civil-Militar Brasileira. Ponta Grossa: AYA Editora, 2025.

Submetido em : 14/08/2025

Aceito em: 19/08/2025